



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros)	48000
OITOMEZES (até ao fim deste anno)	32000
SEMESTRE (26 numeros)	26000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	2500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

ESCRITORIO e REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

Redacção de *Olavo Bilac*,

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 15 de Agosto de 1895

N. 15

CIGARRAS

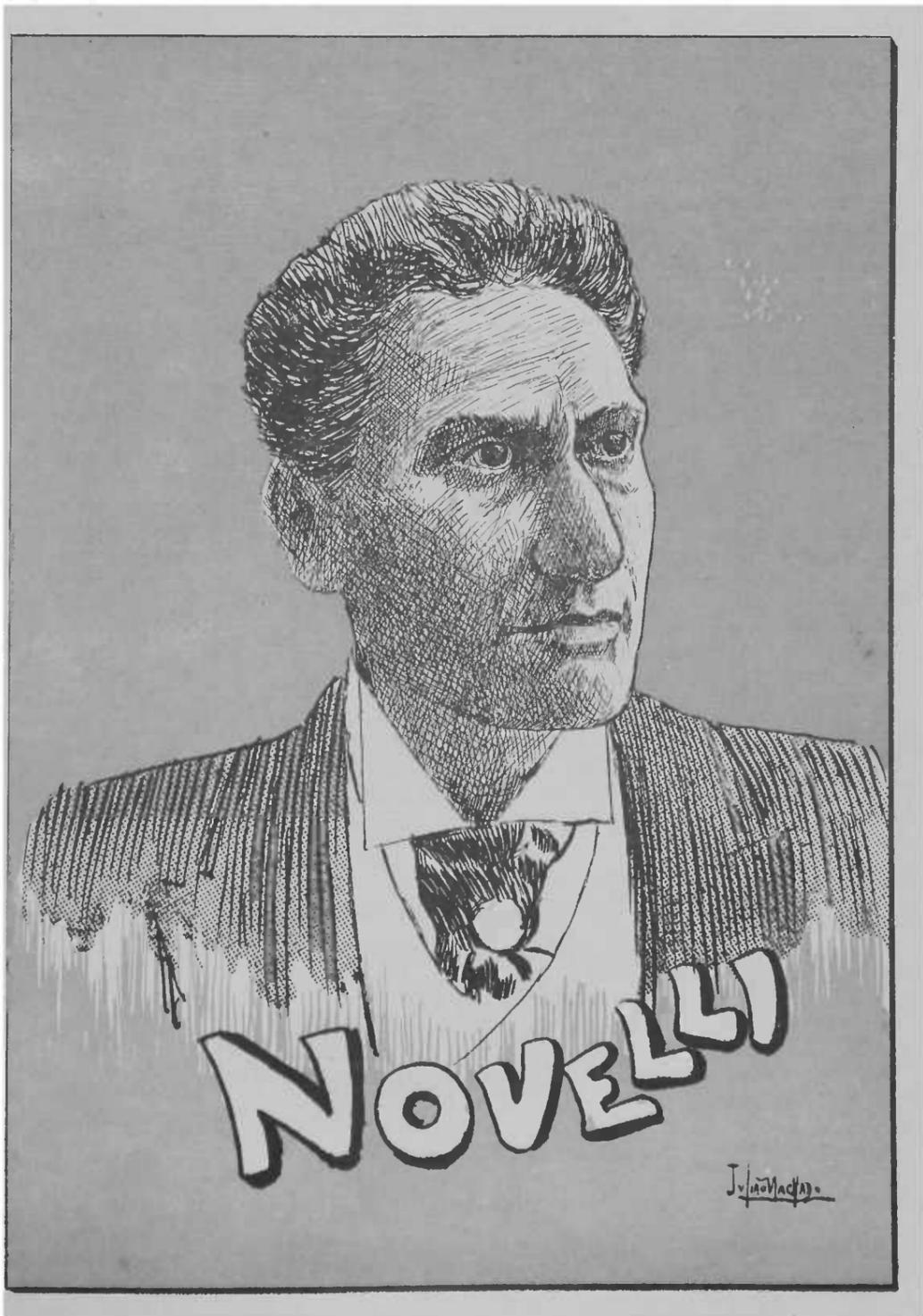
A CIGARRA

O romance *Miragem*, de Coelho Netto, editado por Magalhães (Livraria Moderna) é, além de um successo de livraria, um successo litterario. Aqui transcrevemos o que Machado de Assis d'elle escreveu, na sua ultima *Semana da Gazeta*:

« Como não se ha de escrever só historia, aqui está Coelho Netto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes. E' dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente, dos nossos primeiros escriptores; mas é como auctor de obras de ficção que ora vol-o-trago aqui com o seu recente livro *Miragem*. Coelho Netto tem o dom da invenção, da composição, da descripção e da vida, que coroa tudo.

O derradeiro encontro de Thadeu e da mãe é pathetico. Os personagens vivem, interessam e commovem. A propria terra vive. A miragem, que dá o titulo ao livro, é a vista illusoria de Thadeu, relativamente ao futuro trabalhado por elle, e o desmentido que o tempo lhe traz, como ao que anda no deserto.

« Não posso dizer mais; chegaria a dizer tudo.»





A' policia continuam a chegar, n'uma chuva que não tem fim, notas falsas de cem e de duzentos mil réis.

A principio, um negociante recebeu uma nota de cem mil réis, trocou-a, e, quando reconheceu que era falsa, desmaiou: esteve ás portas da morte, com seis medicos á cabeceira. E toda a cidade, alarmada, commentou o caso, durante essas vinte e quatro horas fataes.

Mas, nas vinte e quatro horas seguintes, appareceram mais duas notas falsas. No terceiro dia, oito notas. No quarto, deseseis. No quinto, trinta e duas. No sexto, sessenta e quatro. No setimo... Uma chuva, uma verdadeira chuva!

Já não tem conta as cedulas que não valem nada. Todos os jornaes as expõem espectacularmente nas suas vitrines; ainda hontem, fui achar um homem estatelado, á porta da *Gazeta*, murmurando: «que pena que sejam falsas!»

Tambem, o alarma publico passou. A gente habitua-se a tudo quanto é falso.

As dentaduras postizas encommoam muito na primeira semana. Na semana seguinte, já a gente come tão bem com os dentes de hoje, como comia com os dentes de hontem.

Porque, pois, não hade o dinheiro falso, com o tempo ficar valendo tanto como o verdadeiro?



Hoje, em qualquer casa de commercio, em qualquer banco, é commum ouvir-se isto: —O contador é chamado pelo seu superior:

— Quanto ha em caixa?

— Sessenta contos.

— Contou bem?

— Sim, senhor! ha dez contos em notas verdadeiras e cincoenta em notas falsas.

— Como? dez contos em notas verdadeiras? é impossivel!

Vá fazer nova verificação.

D'ahi a dez minutos, volta o empregado:

— Já verifiquei! dez contos em notas verdadeiras.

— Que desmoralisação para a nossa casa! Ponha-me já na rua essas notas! Não quero essa pouca-vergonha debaixo do meu tecto!



Ante-hontem, estava eu na joalheria Luiz de Rezende, quando entrou a baroneza K. Examinou detidamente as ultimas joias chegadas, decidiu-se por uma esplendida *rivière* de rubis, abriu a carteira, e apresentou ao vendedor oito contos em notas de quinhentos.

O vendedor, depois de examinar as notas:
— Oh! minha senhora! pagará depois! pagará depois!...
— Mas, para que, senhor, se tenho aqui o dinheiro?
— Perdão, senhora baroneza: essas notas são verdadeiras! escandalosamente, impudentemente verdadeiras! Pagará depois, quando tiver notas falsas!... Prefiro fazer-lhe credito!



E assim vae a vida, a nossa vida de hoje, que é toda falsa, e, por isso mesmo, deliciosa.

Confesso que aprecio immenso essa situação dos nossos negocios. Podem espantar-se á vontade! —eu só gosto do que é falso.

Abomino a Natureza. Amo a Arte. Prefiro a rua do Ouvidor á floresta da Tijuca. Acho detestavel uma mocinha de quinze annos, quando a vejo embrulhada n'um desgraçado vestido de chita rála. Acho adoravel uma sexagenaria, quando a vejo embrulhada na vaga neblina cheirosa e cara das rendas de Malines e de Alençon.

O meu amor do artificio, vae mesmo até este ponto: só tolero as mulheres que se pintam. Gosto de vel-as, carregadas de grossas camadas de tinta.— esplendidas paysagens vivas — provando que a Natureza póde ser vencida e excedida pela Arte. Oh! que bellas! que bellas! essas variegadas senhoras, que parecem ter sahido das mãos do Henrique Bernardelli ou do Parreiras!

E já repararam como ficam bem, nas senhoras elegantes, as anquinhas callipygianas? Estou mesmo em dizer que o alicerce da belleza é... o chumaço.



Abaixo o verdadeiro! Platão disse em má hora que o bello é o esplendor da verdade.

Que horror e que tolicé! Meditem sobre isto: apanhem uma minhóca,— (notem que a minhóca é uma das poucas cousas verdadeiras da terra!) e ponham-n'a ao sol: ella esplenderá. No emtanto, quem ha que diga que é bella essa verdade esplendida?

O falso é a revolta digna e nobilitante da creatura contra o creador. Deus faz o homem myope: que faz o homem? compra um pince-nez bi-concavo e corrige Deus!

O governo faz dinheiro verdadeiro. Que faz o governado? Revolta-se contra esse monopolio odioso, compra uma machina lithographica e faz concorrencia ao governo!



Como isto eleva a gente no proprio conceito!

Dir-me-ão que quem d'esse modo faz concorrencia ao Thesouro Nacional, em vez de ir para o Pantheon, vae para a Detenção.

Pois sim! Mas, isso que tem? Já se sabe que não tem limites a injustiça humana!

Na idade mythologica, Prometheu,— que é symbolo do ideal do Homem,— achou que era um grandissimo desaforo ter Jupiter o monopolio do fogo celeste. Com o auxilio da benemerita Pallas, subiu ao céu e roubou o fogo. Jupiter urrou. Mandou chamar Mercurio,— que nesse tempo era como quem diz hoje um policia secreta,— e ordenou-lhe que amarrasse o ousado ao Caucaso. Um abutre ficou encarregado de roer dia e noite o figado do Bemfeitor dos Homens.

Mas veio Hércules, e libertou o semi-Deus, e todos os poetas da terra desataram a glorificar Prometheu, martyr do seu Ideal.

Que importa, pois, que a Policia amarre os falsificadores de notas ao Caucaso da rua Frei Caneca? A Posteridade vingará essa affronta.



Abaixo o verdadeiro! A verdade só vive bem no fundo do seu poço tradicional. Cá fóra, a este vivo sol de agosto, vive bem a Mentira,—formosa rapariga, fonte de todo o gozo, nascente de toda a belleza, manancial de toda a felicidade....

Fantasio.

A Minha irmã

Alma de luz no calice de um lyrio,
Fragil, mimosa, transparente e pura,
Velando sempre, ao pé do meu martyrio,
A vêr se abranda a minha desventura!
Como eu te adoro! como est'alma aneja
Por te guiar os passos indecisos!
Quando sorris, meu coração receia
Que se estiole algum dos teus sorrisos.

Tão debil és, que a propria luz que trazes
Parece as tuas azas molestar,
E, com tocar a flor, de leve, fazes,
Antes de tempo, a flôr desabrochar...
A tua vida é um sanctuario cheio
De santos, de missaes e de oblações,
Em cujo altar um dia um poeta veio
Oferecer as suas orações.

— Doces reminiscencias do passado
Na caçoula da fé que incende o Occaso,
Doirando um arrebol, quasi apagado,
E umas ruinas de flôr quasi sem vaso!
Tu ouves gorgear as aves calmas,
E eu ouço ao longe o pracebo dos mortos.
Que contraste entre as nossas duas almas
N'uma —confortos, n'outra—desconfortos!

Iluminas o alfoz das serranias
E perfumas as sombras dos painéis,
Transformando em divinas harmonias
O que derramo em lagrimas crueis.
Fechas ao sol a lucida corola,
— Lyrio, cuja raiz é a propria luz—
E vaes de barcarola em barcarola
Desabrochar aos pés da minha cruz.

Um rumor subtil de anjos os teus passos
Ouve sorpreso e a musica accelera,
E prende duas azas aos teus braços,
Como as que usa em Outubro a primavera.
Alvorisam-se as pombas, se traspassa
A tua dhulia um mysterioso canto,
Que reflectindo toda a tua graça
Guarda, comtudo, o saibo de meu pranto.

E's minha irmã. A dôr que sinto e avivo
Acorrenta-me aos tredos escarceos.
Se por um lado me rétem captivo
A lembrança ineffavel de outros céos,
Por outro lado a alma se me despenha,
Por precipicios, por desillusões!...
Não ha no mundo, minha irmã, quem tenha
Mais saudades e menos illusões!

P'ra que esse mundo tumular acorde
Basta ouvir o rumor de um triste verso,
Basta que a taça do ideal transborde
P'ra que resoe em requiens o universo.
Em Maio o alvearco astral, constantemente
Rutila, e a luz espalha pela serra.
O coração tambem do adolescente
Tem esse dom e esse fulgor encerra.

Tu dormes e eu te velo o somno, e aspiro
Do casto somno o aroma celestial,
Receioso que a duvida que inspiro
A' alma dos bons, te possa fazer mal.
Eu sou na terra o bonzo da descrença,
Tu —a divina encarnação da fé.
Teu vôo excede os páramos da crença.
E o meu se arrasta com um moutão ao pé.

A hostia te cerca do clarão dos santos
E enche-te a voz de antiphonas e preces,
Por isso o espirito hybernal das plantas
Com pena acolhes, com piedade aqueces.
Esse recolhimento em que te engolphas,
Essa suprema ingenuidade d'alma,
Com arrulhos de estancias e de solphas,
Meu plectro inspira, minha angustia acalma.

Guarda estes versos que não dizem nada,
Guarda estas rimas que não têm fulgor;
São flôres que apanhei na minha estrada
Para a pronuba noite de outra flôr.
Guarda-as entre as imagens mais queridas,
Guarda-as entre os retratos de teus paes,
Porque estas urnas, uma vez partidas,
Oh! minha irmã, não se concertam mais.

Desterro, 25 de Janeiro de 1894.

Luis Murat.



Ecila Worms, a fina chronista de modas d'O Pais, no seu artigo de sabbado ultimo, protesta calorosamente contra o máu habito que teem agora as senhoras de se carregarem de fazendas escuras e pesadas. E faz a apologia das musselinhas e das rendas, claras e leves, que envolvem a mulher n'uma como nuvem de sonho, perfumada e diaphana. Bravo! A Cigarra, que tantas vezes tem posto as suas columnas ao serviço d'essa propaganda, fica cheia de orgulho por vêr as suas idéias defendidas por uma professional. Ha porventura nada mais triste, mais revoltante, mais hediondo que vêr os trinta annos de uma mulher bonita abafados sob uma montanha de lãs negras? A mulher vestida de negro parece um feretro.

Tambem Ecila Worms, tratando do bello livrinho de Mary Card, *A belleza*, agora sahido das officinas Lombaerts, condemna, com palavras sagradas e colericas, as tinturas para o cabelo, os colq-creams, os kols, com que as senhoras estragam a pelle. Ainda uma vez, bravissimo, gentil Ecila! Verdade é que, n'este mesmo numero d'*A Cigarra*, Fantasio diz que ama as mulheres pintadas. Deixa-o lá, senhoras minhas! *Fantasio* é filho do estranho matrimonio de um Paradoxo com uma Blague; elle diz aquillo dos dentes para fóra... para fazer phrases:

Nada de pintura! e nada de fazendas escuras!

SALISBURY — ESPECIE DE FREGOLI



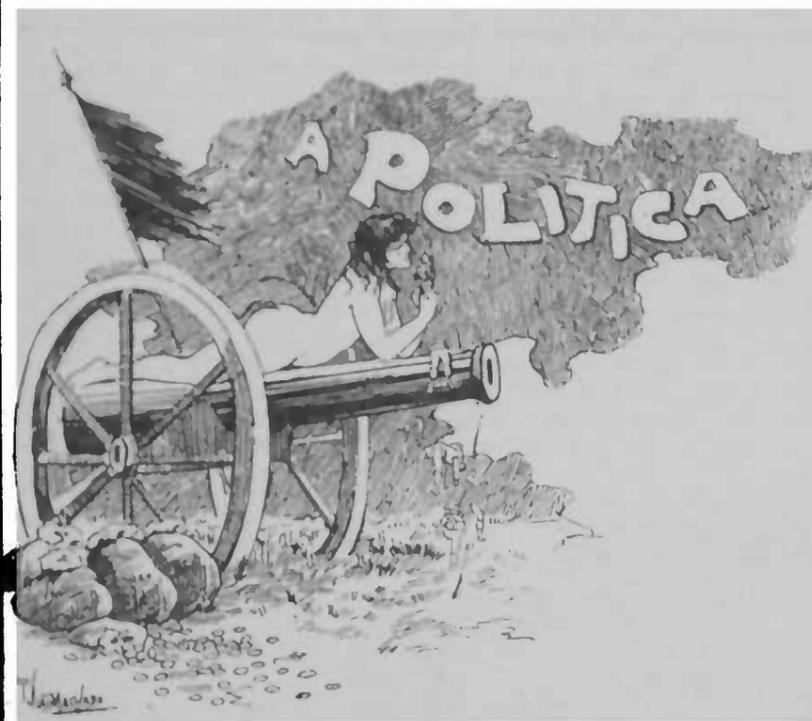
Mim sou rata 1ª, rata 2ª, rata 3ª, rata 4ª... Todas as ratas.

A PAZ



NILO MACHADO.

— Ora, ahi tem os Srs. uma damia que se fazia rogada e que mal chegou se atirou ao champagne que foi um louvar a Deus.



Agora, as discussões da Camara e do Senado correm mais calmas. Já não se fala em Pico do Diabo, nem em fuzilamentos, nem em cadaver de Saldanha, nem em kilometro 65, nem em dególas do Campo Ozorio. Trata-se hoje de cousa mais bella, e, ao mesmo tempo, mais importante: trata-se do decreto que estabelece para o presidente da Republica o uso de uma insignia, com que s. ex. deverá comparecer ás diversas cerimoniaes officiaes, de luto ou de festa.

Como se vê, isto é serio. Se o projecto for adoptado, já ninguém, na rua ou no theatro, em carro ou em bonde, confundirá s. ex. commigo ou com outro qualquer cidadão, não investido do supremo poder federal.



Graças a Deus, já esta gente vae comprehendendo que commenda é cousa que se não dispensa. A Constituição, prohibindo aos cidadãos do Brasil que aceitassem honras, commendas, condecorações e quejandas dignidades, sob a pena de perda dos direitos civis, desgostou summamente esses cidadãos. Porque, emfim, amigos! o homem do Brasil ou da Patagonia, do Zambeze ou de Pariz, da Nova-Zelandia ou de Tomsk—é um poço de vaidade. Sem commenda, não ha vida. Mais vale um pendurucalho no peito que um logar garantido por toda a eternidade na côrte celeste. D'aqui não ha sahir.



Quereis a prova? Quando os Brasileiros viram que não havia mais Rosa, nem Christo, nem nada, atiraram-se ás honras militares e aos postos da Guarda Nacional como gatos a bofes.

Quem queria ser cavalleiro de Christo, consolava-se, sendo tenente de cavallaria. Quem aspirava á fita da Legião de Honra, contentava-se com o posto de general de brigada.



Logo em começo da Republica, houve a ideia de fundar a Ordem de Christovão Colombo. O partido constitucional rugiu indignado. E a ideia morreu. Foi então que houve a luminosa ideia de militarizar a vaidade humana. Hoje, quem não tem galões,— não tem credito, nem amores, nem consideração publica, nem nada. Ter tres galões é o meio mais seguro de conquistar o senhorio, ou a vizinha, ou o alfaiate, ou uma cadeira de deputado. D'aqui a pouco tempo, citar-se-ão, apontando-os a dedo, na rua, os cidadãos que não forem militares. Serão esses as girafas, os hyppopotamos, os animaes raros do Brasil.



E como, n'esse tempo, já o barão de Drummond terá desprezado o Jardim Zoologico, aproveitar-se-á o formoso parque para asylo d'esses pobres cidadãos. Sobre o portão de entrada, gravar-se-á este letreiro expressivo: « Jardim Civil, entrada mil réis. Phenomenos nunca vistos! cidadãos despercebidos de honras militares! Ver para crêr! »



Mas já estou affastadissimo das intenções d'este artigo. Volvamos ás insignias presidenciaes. Que insignias serão essas? Dizem que consistirão n'uma faixa auri-verde, tendo gravadas em seda as armas da Republica.

Não estou de accordo. Pelo que acima fica dilatadamente expellido, todo o mundo deve ver que não sou contrario á ideia de que o presidente da Republica deva, de um modo ou de outro, differencar-se do resto dos mortaes. Mas, d'ahi a concordar com essa historia de faixa, vae um abysmo.

Presidente de Republica não é subdelegado da roça. Isto de faixa é bom para imperador do Divino Espirito Santo. E auri-verde, ainda por cima! E com as armas da Republica! com essas armas mal feitas, violenta e crúamente pintadas a varias cores, sem character, sem estylo, sem desenho, sem arte!



Querem que o presidente da Republica não possa ser confundido, quando sahir á rua, com os outros homens? E' facil! Deem-lhe carruagens de luxo, cavallos de raça, augmentem-lhe a casa militar, deem-lhe um sequito numeroso e garrido, obriguem-n'o a dar bailes e recepções seguidas. Mas, pelo amor de Deus! não o obriguem a andar com o peito entalado em uma faixa de seda, como um porta-estandarte de sociedade musical....

L. F.





Estão indignados os chronistas theatraes. Porque? Primeiro, porque o *S. Pedro* é circo. Segundo, porque o *S. Pedro*, não contente com ser circo, é chiqueiro, uma vez que lá dentro andam agora a fazer trabalhos difíceis não sei quantos porcos amestrados. Palavra de honra! não vejo motivo para tamanha indignação.



F. C., o scintillante *F. C.* das *Notas de um Simples*, na *Noticia*, contou na sexta-feira o seguinte caso, cuja applicação é facil fazer: « Certa vez, ouviu um conhecido escriptor dramatico de um dos nossos empzezarios, com quem entretinha relações de intimidade, que uma peça do mesmo escriptor estava no caso de ser representada em circo de cavallinhos, ao que o auctor acudiu logo, fazendo notar que não seria esse o seu primeiro trabalho exhibido por animaes. Gracejo pesado, de parte a parte; mas a satyra teria talvez fundo de verdade. Ainda mesmo esquecendo o porco, fica o acrobata, o funambulo, o palhaço. Certamente é triste vel-os trabalhar na casa destinada ás n taveis creações da litteratura e da arte dramatica. Mas, em boa consciencia, são os palhaços, os funambulos e os acrobatas de Frank Brown os primeiros que conspurcam o nobre e bello theatro de João Caetano? »



F. C. não disse mais. Comprehende-se. Não quiz offender a finguem. Mas, eu, quando nasci, não trouxe papas na lingua. Estou aqui para dizer tudo quanto me vem á flor dos labios. E, pois, digo que tão porcos são os bácoros que fazem parte da *troupe* Frank Brown como os homens que concebem e representam cousas como *Sal e Pimenta* do sr. Souza Bastos, — depositos de asnidades revoltantes e de obscenidades crespas. Esta é que é a verdade. Os chronistas ficam indignados quando veem um porco amestrado, fossando e grunhindo, deshonrar o palco em que outr'ora representava João Caetano. Mas, quando uma *troupe* de pornographos faz cahir sobre esse palco a chuva mais abundante das mais obscenas chalaças, parecê que os chronistas não julgam deshonrado o theatro das glorias de João Caetano. Pois sim!

Agora, antes de passar a outro assumpto, permittam-me que, por amor da verdade, diga: são também bácoros, e bácoros de lei, as pessoas que vão assistir a essas borracheiras. D'onde se conclue que tudo é porco: *Sal e Pimenta*, *Frank Brown*, e *publico*.



A gentil Augusta Cordeiro, no *Apollo*, fez, segunda-feira passada, beneficio com a *Grã-Duquesa de Gerolstein*. Fui passar a minha noite no *Apollo*. E não me arrependi. Matei as saudades que tinha da deliciosa partitura do grande e desopilante Offenback, e tive occasião de dar uma roda de applausos bem merecidos a Augusta Cordeiro. Bravo! Com uma grã-duqueza tão *chic*, eu, se fosse o analphabeto Fritz, não careceria de saber ler para, não só reger uma escola publica, como rimar toda uma serie de sonetos apaixonados.



Para terminar, uma noticia que me encheu de espanto: A actriz Lopiccolo obteve o primeiro premio no concurso de belleza organizado por um jornal que se chama *Palhaço!* (oh! decididamente, o nome é uma voz com que se dão a conhecer as cousas!)

A Lopiccolo primeiro premio de um concurso de belleza! *Où diablé la beauté va-t'elle se nicher!*

Suck.



No proximo numero daremos uma poesia inedita de FELINTO D'ALMEIDA.

Recebemos uma bella prova do admiravel diploma do Academia de Bellas-Artes, cuja execução foi confiada ao nosso grande pintor Rodolpho Amoedo.

AS DE 100\$000



JULIO MACHADO.

— Escuta cá, espera um pouco !... Esta nota é falsa !
— E tu ?...